

A Vaca Misteriosa na Floresta: a peleja entre o profano e o autoritarismo

Carolina Campos¹

Resumo: É sobre a Carta da Floresta e começa no 24 de agosto de 1215, com a Bula Papal que invalidou a Magna Carta. No imaginário nordestino brasileiro, 24 de agosto é o dia da Vaca Misteriosa, o dia mais aziago do ano, desde o Massacre da Noite de São Bartolomeu. É a história de cordel mais famosa da cultura popular sertaneja. Esta Vaca se juntará à Vaca Profana de Caetano Veloso. Nenhuma é sagrada, em tempos de recrudescimento dos autoritarismos religiosos. Também será abordada a relação da Magna Carta com a Carta da Floresta. A Floresta, como nicho de liberdade sempre sob ameaça, a floresta dos celtas, dos encantamentos, dos fora-da-lei com Robin Hood... "Eu fui à floresta, viver deliberadamente..." Acaba em 6 de novembro de 1217 – 800 anos da Carta da Floresta.

Palavras Chave: Magna Carta. Carta da Floresta.

Abstract: It is about the Charter of the Forest and begins on August 24, 1215, with the Papal Bull that invalidated the Magna Carta. In the Brazilian Northeast imaginary, August 24 is the day of the "Mysterious Cow", the most unlucky day of the year, since the Saint Bartholomew's Day Massacre. It is the most famous story of the popular culture of the region. This cow will join the "Profane Cow" of Caetano Veloso. None is sacred in recrudescence times of religious authoritarianism. It will also be discussed the relationship of the Magna Carta with the Charter of the Forest. The Forest as niche of freedom always under threat, the forest of the Celts, the incantations, the out-of-law Robin Hood ... "I went to the woods because I wished to live deliberately...". It ends on November 6, 1217 – 800 years from the birth of the Charter of the Forest.

Keywords: Magna Carta. Charter of the Forest.

Introdução

No dia 24 de agosto de 1215, uma Bula Papal ab-rogou a Magna Carta...

Escrevo isso, em agosto de 2016, olhando a Chapada do Araripe, no Sertão do Cariri, onde ainda resiste a Literatura de Cordel, descendente remota da medieval *literature de colportage*. Entre os noticiários de uma presidenta da república sendo cassada e um "verão trincado" no horizonte - já são cinco anos de seca, rememoro os versos de meu cordel preferido, de Leandro Gomes de Barros²:

A vinte e quatro de agosto
Data essa reciosa
Que é quando o diabo pode
Soltar-se e dar uma prosa
Pois foi nesse dia o parto,
Da vaca misteriosa.

¹ Carolina Maria Campos de Saboya, advogada, professora da Unileão e da Universidade Regional do Cariri-Urca, mestre em Direito pela Universidade Federal do Ceará.

² BARROS, Leandro Gomes de. História do Boi Misterioso. Luzeiro: São Paulo, s/d (aproximadamente início do Séc. XX). O autor nasceu em 1865 e faleceu em 1918. A parte cearense da Chapada do Araripe é uma espécie de oásis no Sertão. Narrando a vida do rebento da Vaca Misteriosa, o cordelista diz: "Na Serra do Araripe/ Foi êle se batizar".

Os romanos acreditavam que havia dias fastos e nefastos. Aos primeiros, alegria, comemoração. Aos segundos, temor e desejo de esquecimento. Frustração à vista. Quanto mais se deseja, menos se esquece.

O dia mais aziago do ano é 24 de agosto. Diz-se que foi desde o Massacre da Noite de São Bartolomeu, a matança dos huguenotes, na França. Ceifou 20 mil pessoas. Mas, a sombra é muito mais antiga. O próprio Santo do Dia teve morte tão brutal (foi esfolado vivo numa rocha à beira-mar), que reza a lenda que Deus lhe deu o galardão de aprisionar o próprio Diabo. Mas, o Apóstolo, de tão piedoso, solta Satanás no dia de seu Martírio. Na Capela Sistina, Michelangelo o representou segurando a própria pele, num expressionismo *avant la lettre*. Em 79, nesta data, a erupção do Vesúvio é entornada sobre Pompeia e Herculano.

Cresci ouvindo um ditado que “Agosto é mês de desgosto”. No Brasil, neste 2016, no dia 31, mais um *impeachment* de uma Presidente eleita. Elio Gaspari comentou que no Brasil, desde a redemocratização, de seus quatro presidentes eleitos, dois sofreram *impeachment*. Isso é uma estatística comparável à mortalidade por ebola³.

No dia 24 de agosto (como não?), de 1954, Getúlio Vargas se suicidou em meio a mais uma crise política. O presidente que mais tempo passou no poder. Um ditador, mas legou a Consolidação das Leis Trabalhistas.

Vinte e quatro de agosto
A terra estremeceu
Os rádios anunciaram
O fato que aconteceu,
As nuvens cobriram o céu
O povo em geral sofreu
O Brasil se vestiu de luto
Getúlio Vargas morreu!
(Teixeirinha)

Um dos livros mais marcantes da Literatura brasileira se intitula “Agosto”⁴, é a tragédia ambientada nessa época. Sua personagem Salete é, para mim, Brasil, como a Lara de Pasternack⁵ é uma personificação da Rússia, em “Doutor Jivago”. Salete tem vergonha do sangue negro, infantil, libertina, derrete-se por um elogio mesmo de quem está a ponto de matá-la.

No Candomblé, dia 24 de agosto é o dia de Exu. O orixá que no sincretismo ficou associado ao Inominado. Talvez, por suas cores, vermelho e negro. Sua forma é a esfera, é o movimento. “O Vermelho e o Negro”⁶ é meu romance preferido. Ele me deixa desesperada como advogada, o julgamento que não posso recorrer. Quando reli,

³ GASPARI, Elio. O que vem a ser o golpe de 2016. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31ago2016.

⁴ FONSECA, Rubem. Agosto. Rio de Janeiro: Record/Altaya, 1990.

⁵ PASTERNAK, Boris. Doutor Jivago. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2007. Trad.: PRESTES, Zoia.

⁶ STENDHAL. O Vermelho e o Negro. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

eu me iludia, que dessa vez, fosse outro veredicto. Eu queria mudar os enredos. Enredar os enredos. Deixar tudo com outro juízo.

Uma floresta é um lugar para isso. Para transformações. É das florestas, dos bosques e das pradarias, no imaginário ancestral, que provinha o sustento e os mitos: as ervas benfazejas colhidas em lua cheia, as cirandas pagãs, as lenhas para os fornos e lareiras e as madeiras para construção, os medos, o grito de Pã, os mistérios da noite e da cura. A floresta é o lugar do não estabelecido. Ela guarda as possibilidades fora de um sistema humano, outras ordens, orgânicas, não escritas, sequer faladas, vividas. Ou como diria este filho de descendentes de huguenotes franceses⁷:

I went to the woods because I wished to live deliberately, to front only the essential facts of life, and see if I could not learn what it had to teach, and not, when I came to die, discover that I had not lived.
(Thoreau)

Thoreau não só escreveu “Walden”⁸, mas também sobre a “Desobediência Civil”. Ele será meu ponto de inflexão: A floresta e o dever de desobediência civil.

Sua obra influenciou os movimentos estadunidenses de direitos civis. Por isso, sabendo que este país vem da mesma tradição do *common law* britânico, gostaria de ousar um olhar jusprivatista sobre a primeira dimensão de direitos humanos. Na verdade, ele não vai invalidar a concepção constitucionalista. Coexistem em suas diferenças. Creio que se enriquecem.

1 APROXIMAÇÕES À MAGNA CARTA

... Voltemos à Magna Carta e à Carta da Floresta, 15 de junho de 1215.

Na Baixa Idade Média, não havia a divisão didática entre Direito Civil e Direito Constitucional. A beleza da Carta da Floresta é que lembra “que na Terra a gente tem de arranjar um jeitinho prá viver”⁹. Não se estava em busca de constitucionalismo – que isso ainda não havia sido inventado, não se raciocinava nessa categoria, mas, sim, de dignidade. Ela fala de subsistência e do direito da viúva de recolher os *estovers*,¹⁰ que seria a madeira para lenha e para pequenas construções, para fazer fogo, numa época em que as fontes energéticas não vinham do petróleo, nem da eletricidade, vinham do fogo, imprescindível para a cozinha e para aquecimento no inverno. Se morreria sem lenha e sem a casa vedada e se os animais fuissem por buracos na cerca.

Os autores não são unânimes se a Carta da Floresta surge com a primeira versão da Carta Magna. Alguns dizem que a Carta da Floresta só aparece como tal em 6 de novembro de 1217. Outros, que ela estava incrustada na Carta Magna. Ela teria seu embrião nos trechos (a divisão em cláusulas é bem posterior, foi/foram escrita(s) em texto corrido) que falam na subsistência, na pequena caça, no direito à lenha, ...¹¹

⁷ Os huguenotes franceses foram o alvo do massacre da Noite de São Bartolomeu.

⁸ THOREAU, Henry David. Walden. Porto Alegre: L&PM, 2010. Citação do original acessado pela internet.

⁹ GIL, Gilberto. “Procissão”, música do álbum **Louvação**, 1967.

¹⁰ LINEBAUGH, Peter. El Manifiesto de la Carta Magna. Comunes y libertades para el pueblo. Madrid: Traficantes de Sueño, 2013, p. 27. Esta obra foi fundamental para a elaboração deste artigo. Edição original em inglês: The Magna Carta Manifesto. Liberties and Commons for All. University of California Press, 2008.

¹¹ Idem, ibidem, pp. 55-56.

2. A atualidade da luta pela liberdade

Aprendi com Luis Alberto Warat¹² que nada substitui a luta, a luta histórica por direitos. A dogmática constitucional pode desaguar em condutas filhas de uma ilusória segurança, até que vem outra ameaça, outra torpeza, outro golpe, de novo e de novo.

Queria simbolizar tudo isso numa fêmea leiteira, profana e imortalizada num cordel nordestino: Uma vaca dentro de uma floresta, dessas florestas milenares, que acoitam mitos, lendas, assombrações e modos de vida muito rudimentares, despojados, ... uma vaca misteriosa, arquetípica, mas não sagrada, pagã, como os cultos primevos, de uma transcendência indômita a religiões estabelecidas, tão recrudescidas em seu poder nos últimos anos. As loas para ela seriam na voz de Caetano Veloso¹³:

Vaca profana, põe teus cornos
Pra fora e acima da manada
[...]
Ê, ê, ê, ê, ê,
Vaca das divinas tetas
Teu bom só para o oco, minha falta
E o resto inunde as almas dos caretas
[...]
Mas eu também sei ser careta
De perto, ninguém é normal
Às vezes, segue em linha reta
A vida, que é "meu bem, meu mal"
[...]
Ê, ê, ê, ê, ê,
Deusa de assombrosas tetas
Gotas de leite bom na minha cara
Chuva do mesmo bom sobre os caretas

O que sei é que, no cordel, o filho da Vaca Misteriosa é perseguido, como perseguimos a Liberdade. Nunca a atingimos; em compensação, a liberdade nunca é derrotada. Pode voar para longe, mas é uma possibilidade, um horizonte sempre à nossa frente. Talvez, o primeiro passo para ela seja suportar a solidão. A solidão de pensar fora de grupos. Principalmente, num País envolto numa ruptura com a racionalidade, onde as contendas entre dois grupos políticos estão no nível de guerra de torcidas de futebol. A atitude de tentar cultivar um pensamento crítico é sempre perigosa.

Tanto quanto é perigoso colocar sobre os próprios ombros o ônus da luta. Não dizer com cara de espanto: “Mas, estava na Constituição!” ou “Cadê o Estado de

¹² WARAT, Luis Alberto. A rua grita Dionísio!: direitos humanos da alteridade, surrealismo e cartografia. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

¹³ VELOSO, Caetano. “Vaca Profana”, música do álbum Totalmente Demais, 1986. Mas, o lançamento foi no álbum “Profana” de Gal Costa, 1984. O compositor é Caetano Veloso.

Direito que estava aqui?”. O Estado, do alto de seu paternalismo, ri com escárnio da ingenuidade e responde “Não confie nem em papai”. A luta é, em primeiro lugar, para andar sobre os próprios pés e buscar a liberdade de pensamento, escapar das manipulações e dos comodismos, é de cada um e de todos. Os *civil rights* da *common law* são nossos Direitos da Personalidade do âmbito civil, surgem em busca de dignidade, de subsistência. Sobreviver, ter dignidade é um exercício pessoal e perene. A luta é intransferível, individual e coletiva.

Considerações finais

O que desejo nesse setembro, entre o nefasto agosto e o outubro que se avizinha, é que ele nos conduza à felicidade kantiana do dever cumprido, do não fugir do bom (e pacífico, sem sangue – pelo menos, de nossa parte¹⁴) combate. Quem sabe, em outubro (e, nele, o aniversário de apenas 28 anos da Constituição Brasileira), venha a alegria da vitória, como nos versos de Shakespeare sobre a Batalha do Dia de São Crispim, travada em 25 de outubro de 1415:

Aquele que sobreviver esse dia e chegar a velhice, a cada ano, na véspera desta festa, convidará os amigos e lhes dirá: ‘Amanhã é São Crispim’. E então, arregaçando as mangas, ao mostrar-lhes as cicatrizes, dirá: "Recebi estas feridas no dia de São Crispim.

(A Vida do Rei Henrique V, ato IV, cena III - Shakespeare)

Referências

BARROS, Leandro Gomes de. **História do Boi Misterioso**. Luzeiro: São Paulo, s/d.

FONSECA, Rubem. **Agosto**. Rio de Janeiro: Record/Altaya, 1990.

GASPARI, Elio. O que vem a ser o golpe de 2016. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31ago2016.

GIL, Gilberto. “Procissão”, música do álbum Louvação, 1967.

LINEBAUGH, Peter. **El Manifiesto de la Carta Magna**. Comunes y libertades para el pueblo. Madrid: Traficantes de Sueño, 2013.

¹⁴ Por “nossa” parte me refiro a aqueles que elegem os direitos humanos, a democracia e o pluralismo como diretrizes maiores. Mas, a Polícia Militar está sendo truculenta na repressão das passeatas. O fenômeno da criminalização dos movimentos sociais preocupa. Mesmo pessoas dentro de ônibus nas redondezas dos eventos, saindo do trabalho e que não estavam nas manifestações, passam mal, chegam a desmaiar devido a bombas de gás. Por todos os jornais que noticiaram, http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/05/politica/1473106652_985432.html acesso em 15set2016 - NOVAES, Marina. Um dia após violência policial, PM reafirma práticas e entidades civis protestam. *El País*. São Paulo, 7set2016.

NOVAES, Marina. Um dia após violência policial, PM reafirma práticas e entidades civis protestam. *El País*. São Paulo, 7set2016. http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/05/politica/1473106652_985432.html acesso em 15set2016.

PASTERNAK, Boris. **Doutor Jivago**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2007.

STENDHAL. **O Vermelho e o Negro**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

THOREAU, Henry David. **Walden**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

VELOSO, Caetano. “Vaca Profana”, música do álbum Totalmente Demais, 1986.

WARAT, Luis Alberto. **A rua grita Dionísio!**: direitos humanos da alteridade, surrealismo e cartografia. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

Recebido para publicação em 16-09-16; aceito em 05-10-16